

Entregar a facete

**MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO:
A Questão da Motivação
no Curso de Pedagogia da Uni-Rio**

92

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS (CCH)

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

DISCIPLINA: MONOGRAFIA II

REITOR: SÉRGIO LUIZ MAGARÃO

DECANA: MARIA JOSÉ M. C. DE MESQUITA WEHLING

COORDENADORA: JANETE DE OLIVEIRA ELIAS

ORIENTADORA: VALÉRIA CRISTINA LOPES WILKE

**MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO:
A Questão da Motivação
no Curso de Pedagogia da Uni-Rio**

REGINA CÉLIA VALENTE CARRASCO

Monografia apresentada em cumprimento ao requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

**RIO DE JANEIRO
UNI-RIO
1992**

"Sabedoria é conhecer e transformar"
Paulo Coelho

DEDICATÓRIA

Aos meus amigos que me acompanharam
durante o Curso.

Agradeço:

a Valéria, minha orientadora, por todo apoio e, a minha amiga Eliane por todo incentivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1 e 2
CAPÍTULO I	
PARTE I - A MOTIVAÇÃO	3
PARTE II - ALGUNS AUTORES E A MOTIVAÇÃO	4 à 6
PARTE III - QUESTÕES ATUAIS DA MOTIVAÇÃO NA ESCOLA	7 e 8
PARTE IV - O PAPEL DA NOVIDADE E CRIATIVIDADE NA MOTIVAÇÃO	9 e 10
PARTE V - O PAPEL DO PROFESSOR	11 e 12
CAPÍTULO II - O CURSO DE PEDAGOGIA E A MOTIVAÇÃO.. 13 à 21	
CONCLUSÃO	22 e 23
BIBLIOGRAFIA	24

SINOPSE

Como o aluno não é um ser isolado no vácuo, no momento em que está aprendendo uma série de condições o influenciam, tendendo a aproximá-lo ou afastá-lo dos objetivos a que se propôs o professor. Esta reflexão se concentra justamente no exame dessas condições, de forma a que possam ser utilizadas em benefício de uma aprendizagem mais eficaz.

INTRODUÇÃO

O comportamento cotidiano mostra-se muito complexo. A cada momento vários motivos estão atuando. Muitas vezes haverá conflito de motivos e, conseqüentemente, objetivos.

Constantemente, motivados fortemente para algo, somos impedidos de alcançá-lo por um ou vários obstáculos, que podem ser internos e externos. As barreiras internas podem ser falta de conhecimento ou de habilidades específicas enquanto as externas são proibições sociais, falta de dinheiro e outras.

É claro que havendo obstáculos acontecerão também reações a eles e, conforme a amplitude das suas motivações e barreiras às mesmas, cada ser humano buscará ou não atingir seus objetivos.

O campo da motivação é muito vasto. Neste trabalho nos deteremos a abordar exclusivamente a motivação na escola e, mais especificamente, no Curso de Pedagogia da Uni-Rio.

Esta monografia ocupa-se com a atitude do educador, que esteja vivenciando problemas de motivação na condução de classe, o que acarreta resultados frustrantes. Frequentemente ele não consegue localizar as possíveis falhas de seu planejamento ou de seu ato de ensino.

Tomando como base os acontecimentos vivenciados nas salas de aula ao longo do Curso de Pedagogia, a presente reflexão analisa ações, fatos, que levam o aluno à desmotivação escolar. Ao fim pretendemos elencar algumas sugestões que favoreçam a percepção, por parte dos professores, de aspectos desmotivacionais, que interferem no bom andamento da prática ensino-aprendizagem, bem como a mudança do encaminhamento da mesma prática educacional.

Existem outros fatores além da atitude do professor que influencia a motivação do aluno, mas neste trabalho nos deteremos, exclusivamente, no educador.

Referíamos à motivação como o despertar de interesse, do entusiasmo, que se inter-relaciona com a forma de impulso e incentivo em relação ao ambiente.

Tentaremos realçar a importância de atrair o aluno para a aprendizagem, a fim de que efetivamente se tenha bons resultados.

O trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão de literatura bem como por análise de questionários aplicados a professores e alunos do Curso de Pedagogia da Uni-Rio.

CAPÍTULO I

- 3 -

PARTE I

A MOTIVAÇÃO

O uso que uma pessoa der às suas capacidades humanas depende de sua motivação. Motivação é a ativação da consciência por meio de algo que chamamos motivo. Os motivos são vários e combinam-se em diversos momentos.

Podemos apresentar a motivação como um dos principais fatores determinantes do modo como alguém se comporta.

Em qualquer momento, uma pessoa é motivada por uma variedade de fatores internos e externos. A força e o padrão de cada motivo influem na maneira como vemos o mundo, as coisas em que pensamos e nas ações em que nos empenhamos.

A motivação está envolvida em todas as espécies de comportamento: aprendizagem, desempenho, percepção, atenção, recordação, esquecimento, pensamento, criatividade e sentimento, dentre outros. A relação entre a motivação e o comportamento é por vezes complexa. Um nível moderado de motivação pode ter um efeito, enquanto em extremo, outro. Motivos antagônicos podem gerar conflitos e alguns motivos podem ser inconscientes.

As aspirações pessoais bem como a probabilidade percebida de que o esforço será recompensado são fatores que afetam a motivação. O grau de aspirações depende das experiências anteriores de sucesso e fracasso e da percepção individual de competência e independência. Assim, a motivação abrange uma área imensamente variada e complexa. O homem nasce com inúmeras potencialidades, que interatuam com um mundo físico e social. Mundo e Homem interagem para formar toda gama de sistemas motivacionais. Provavelmente, não existe um único motivo que seja inteiramente inato ou inteiramente aprendido.

PARTE II

ALGUNS AUTORES E A MOTIVAÇÃO

No Dicionário de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, o termo Motivação refere-se "a qualquer estado orgânico que mobiliza atividade de alguma forma seletiva ou orientadora em relação ao ambiente".

Maslow propôs que a teoria motivacional perfeita deverá presumir que as pessoas estão, tipicamente, em um estado motivacional permanente, mas que a natureza da motivação é instável e complexa; que as necessidades dos indivíduos atuam como forças propulsoras ou imperativos no comportamento humano.

Edward J. Murray, em seu livro Motivação e Emoção (1986), coloca que

"a motivação distingue-se de outros fatores que também influem no comportamento, tais como a experiência passada da pessoa, suas capacidades físicas e a situação ambiente que se encontra..."

Murray coloca ainda a existência de várias concepções correntes de motivação, herdadas da Filosofia ou tomadas de empréstimo da Biologia. As principais correntes (concepções) de motivação apresentadas por Murray são:

TEORIAS COGNITIVAS

"A mais antiga opinião sobre o homem é de que se trata, essencialmente, de um ser racional. Tem desejos conscientes e usa as suas capacidades para satisfazê-los. Uma pessoa pensa aquilo que quer e trata de imaginar os meios para obtê-los (vontade)."

TEORIAS HEDONISTAS

"Interligada com as formulações filosóficas, sobre a razão e a vontade do homem, estava a idéia de que o homem procura o prazer e evita a dor e o sofrimento".

Essa idéia constitui uma tentativa para explicar por que as pessoas se comportam da maneira que o fazem.

TEORIAS DO INSTINTO

O verdadeiro início das teorias científicas de motivação deu-se devido à teoria da evolução de Darwin. Darwin pensava que certas ações "inteligentes" são herdadas. Delas a mais simples são os reflexos e as mais complexas foi dado o nome de instintos, uma idéia que também pode ser atribuída originalmente à antiguidade.

TEORIA DO IMPULSO

Este é o conceito mais predominante para Murray, que foi apresentado em 1918 por Robert S. Woodworth para descrever a "energia" que impele um organismo à ação, em contraste com os hábitos que orientam o comportamento numa direção ou noutra. Embora Woodworth pretendesse que o termo se referisse à dotação geral de energia, começou-se logo a falar não de "impulso", mas de vários "impulsos" diferentes (fome, sede, sexo, etc.). Significavam, assim, tendências para alcançar ou evitar objetivos determinados.

Em muitos aspectos a idéia de impulsos se parecia com a de instintos, contudo, a teoria de Impulso foi muito mais aceitável pela maior parte dos psicólogos.

Já no livro escrito por Antônio Xavier Teles, entitulado Psicologia Moderna (1983), o autor escreve:

"motivação é a ativação da consciência por meio de algo que chamamos motivo. Motivo é tudo aquilo que leva alguém a fazer alguma coisa, podemos supor que há bilhões deles, pois as pessoas são impelidas para as mais diferentes ações possíveis..."

Teles os agrupa em quatro pólos:

- | | | |
|------------------|---|------------------|
| 1. Sobrevivência | { | Conservar a vida |
| 2. Segurança | | |
| 3. Realização | { | Expandir a vida |
| 4. Crescimento | | |

Ele acrescenta ainda: "a atividade realizada será aquela que corresponde do motivo mais forte, isto é, ao impulso mais forte, no sentido do vetor de ação mais atuante".

Morse e Wingo, em seu livro Psicologia e Ensino (1971), afirmam que

"em grande parte, o esforço de motivação pelos professores fracassa porque a aprendizagem que estão tentando realizar não corresponde às auto-imagens dos seus alunos (...). Por outro lado, um aluno pode ser prontamente influenciado no sentido de uma atividade que contribui para sua auto-estima".

Eles ainda acrescentam que "qualquer pessoa (criança ou adulto) se esforça somente quando ela percebe algum benefício no empreendimento. A atividade não é ao acaso, mas dirigida para algum objetivo, espera-se uma vantagem" (recompensa).

Herzberg, citado por Murray, chamou Fatores Higiênicos as fontes de recompensas extrínsecas, tais como: rotinas, salários, condições de trabalho, tipo de supervisão, relações interpessoais, etc. As fontes de recompensa intrínsecas, denominadas Fatores Motivadores, seriam: Realização, o Reconhecimento, o Desafio, a Responsabilidade, o Crescimento e o Desenvolvimento Pessoal.

PARTE III

QUESTÕES ATUAIS DA MOTIVAÇÃO NA ESCOLA

As tentativas para entender o comportamento humano determinam o aparecimento de várias teorias de motivação. É oportuno questionar se as instituições de ensino, que visam subsistir no século XXI, já se indagaram acerca de instrumentos de motivação à altura de seu desafio. Carece saber se as atuais formas de motivação explícitas, implícitas e até subliminares relacionadas à educação resistirão a uma situação na qual haverá necessidade do contínuo despertar da criatividade e da capacidade de inovação.

É necessário indagar como fazer com que sejam despertadas, na dinâmica pedagógica, forças latentes guardadas no íntimo humano, como encontrar meios de superação de obstáculos surgidos bem como atingir objetivos programados, quando se percebe que a maneira de conduzir a aula não está satisfazendo as necessidades momentâneas dos agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Será descobrindo respostas às questões sugeridas acima, que se conseguirá estimular os estudantes na busca de um caminho próprio e desafiante, cujo ponto de chegada é incerto, e que não se dá através do simples arranjar de grupos guiados por objetivos fixos e previamente decididos. Na perspectiva proposta, a mudança de objetivos não é vista como algo nocivo, pois a realidade está sempre em mutação e é necessário perceber a dinâmica transformadora presente no real. Podemos exemplificar esta situação apresentando um caso muito freqüente numa classe: o professor elabora os objetivos a serem atingidos numa aula e metodologia da mesma, e ao entrar em sala percebe, claramente, que ela não vai funcionar conforme o planejado. Geralmente ele permanece preso ao planejamento, mesmo sabendo que não alcançará o proposto desta maneira. Por medo de ousar, ou por comodidade ele não busca rever seu plano de abordagem do conteúdo programado.

Uma vez, manuseando um livro na casa de amigos, me deparei com uma frase que de tão verdadeira me fez pegar minha agenda e anotá-la. Infelizmente não anotei o nome do livro, mas sei que a frase foi escrita por Marion Welchman, e

que jamais esquecerei:

-8-

"Se uma criança não pode aprender da maneira que é ensinada, é melhor ensiná-la da maneira que ela pode aprender".

Este exemplo nos remete à figura da criança enquanto aluna, mas a mesma situação acontece nos bancos escolares da nossa universidade.

O que a autora indica para o professor primário, vale também para os professores universitários. Não há uma única maneira de aprender e de ensinar, por isso o professor deve desenvolver capacidade de estar mais atento em sala de aula, preocupando-se não somente em passar as informações previstas em seu planejamento. Sendo assim, o essencial seria avaliar continuamente o desempenho do educando, captar seu modo de pensar, fazer-lhes perguntas que estimulem o pensamento.

PARTE IV

O PAPEL DA NOVIDADE E CRIATIVIDADE NA MOTIVAÇÃO

Um jogador de pôquer, já com suas últimas moedas, foi perguntado: - E agora? - Não sei - respondeu ele. - O quê? - Você não sabe o que fazer? - Claro que sei - disse o jogador. - O que não sei é como fazer!

O prazer no que se faz e a procura de estímulos são pontos muito importantes para que alguém se mantenha motivada. Estas buscas não são feitas ao acaso. Um aspecto importante da estimulação que provoca o interesse das pessoas é a novidade, já que esta provoca curiosidade e impulsiona para a ação com objetivo do conhecimento.

Um dos motivos que leva uma classe a ficar desmotivada, encontra-se justamente na falta de novidades. Saber, de antemão, o que sempre acontecerá nas aulas faz com que o aluno tenha a sensação de vazio e frustração, pois ele está sempre pronto para algo inovador, criativo e diferente, que nunca acontece.

A falta de versatilidade concorre para que o professor pouco construa com seus alunos. Ao apresentar situações prontas, ele torna-se pouco democrático na construção de pensamentos, mudanças de opinião e acréscimo de informações.

A criatividade constitui um dos maiores desafios à moderna pedagogia. A razão disto reside na compreensão, cada vez maior, de que é preciso educar em profundidade. A soma de conhecimentos e a complexidade dos problemas humanos aumentam perpetuamente, por esse motivo todas as gerações têm de reformar os seus métodos educacionais, a fim de conseguirem tempo para o estudo e prática do novo; algo que transforme os objetivos educacionais em utilidade e que seja definido em termos reais.

Um indivíduo ou um grupo responde ao professor e ao que ele faz, e não ao que ele esperava fazer.

Um professor que costuma elaborar suas aulas com a ajuda do retro-projetor pode passar anos usando este material didático da mesma forma, sem se questionar se haverá outros meios mais motivadores e eficazes do uso do mesmo. Por exemplo: ao iniciar uma aula, o professor pode distribuir uma folha de retro para cada aluno, e pedir para que no decorrer de sua explanação cada um anote o que desejar sobre o assunto abordado. Próximo ao término da aula (mas com tempo suficiente para que todas as folhas sejam lidas), o professor recolhe as anotações feitas e faz uso das mesmas o retro-projetor (lembrando sempre que o aluno pode participar oralmente a qualquer momento no decorrer da aula, e principalmente na leitura das folhas recolhidas). Com isso o aluno é motivado a participar e a construir caminhos alternativos que informam mais espontaneamente sobre o conteúdo programado.

Em algum ponto do desenvolvimento de uma prática pedagógica pessoal ou profissional, o educador precisa fechar seus livros e confiar em suas próprias interpretações.

PARTE V

O PAPEL DO PROFESSOR

"A chave fundamental da motivação em sala de aula está nos objetivos do aluno e no uso desses objetivos pelo professor, ao invés de residir única e exclusivamente em qualquer técnica do professor".

(Morse e Wingo)

A atividade docente deve sempre procurar incentivar o impulso - "energia característica de uma classe de comportamento intencional que impulsiona o organismo a satisfazer uma necessidade" - de seus alunos.

Para atender às necessidades e objetivos dos alunos e seus próprios, bem como reformular o que for preciso, quando for preciso, para o bom andamento do processo de aprendizagem, o professor precisa estar atento tanto às diversas formas de assimilação, de protesto e contestação de seus alunos, quanto à maneira que está sendo ministrada a matéria ou o conteúdo da mesma.

Para tanto, é preciso mais sensibilidade e consciência de si mesmo. O professor deve procurar fazer com que seus alunos conheçam suas limitações e potencialidades, e tentem superá-las. Só assim, acreditamos, que se estará educando com verdade e respeito.

O professor precisa, ainda, examinar que forças motivadoras com as quais o aluno contribui. Isso inclui desejos, necessidades e interesses, como os esforços que traz consigo para a sala de aula, e os que são criados através de suas experiências nela.

É fundamental que o professor considere a multiplicidade de aspectos que influem na motivação do aluno a cada instante em que se desenrola a aula. Vários objetivos disputam seu comportamento, desde aqueles referentes à sua vida extra-escolar até a reflexão sobre a matéria da aula, passando por uma infinidade de outros.

Certamente, uma das importantes metas educacionais é que a influência

de uma experiência educativa deverá se estender além do período da experiência em si. Não há nenhuma novidade em dizer que os alunos devem fazer uso, no futuro, daquilo que lhes foi ensinado.

Como educadores esperamos que professores questionem suas práticas em sala de aula, buscando responder à questões que ajudariam a melhor direcionar o seu trabalho. Cabe fazermos as seguintes perguntas: Por que ensinamos? Por que nos decidimos por certos "procedimentos de ensino"? O que esperamos alcançar?

A consciência das respostas a estas perguntas proporcionará ao educador se colocar questões que o levem a perceber melhor o aluno como sujeito permeado de intenções, de desejos, necessidades, objetivos.

Dito isso, façamos outra pergunta: Se é válido ensinar, não será válido saber se estamos sendo bem sucedidos?

Para que nos tornemos um professor eficiente precisamos estar dispostos a examinar nossas crenças básicas sobre a natureza do homem, da sociedade e da educação, e termos uma definição dos valores, propósitos e razões do projeto educacional como um todo.

Ensinamos ou instruímos porque esperamos que, através de nossas aulas, os alunos, de algum modo, possam ser diferentes do que eram antes do nosso trabalho. Esta diferença pode desenvolver habilidades, competências, motivação, realização, favorecendo o crescimento individual.

Acreditamos que somos bem sucedidos quando o aluno sente desejo de utilizar aquilo que ensinamos a ele e tenha a vontade de aprender mais a respeito do assunto.

CAPÍTULO II

O CURSO DE PEDAGOGIA E A MOTIVAÇÃO

Não se deve supor que os motivos afetem sempre o comportamento de modo simples e direto. Vários motivos podem estar simultaneamente em ação, e as reações necessárias para satisfazê-los talvez sejam incompatíveis.

O efeito da motivação sobre a aprendizagem e desempenho tem sido uma questão de importância central para os psicólogos e educadores. Muitos autores expuseram em seus livros que o ponto exato em que um impulso começa a interferir na aprendizagem e no desempenho depende da natureza da tarefa.

Um exemplo disso é o que acontece, com frequência, na Uni-Rio. Durante todo o semestre e por semestres seguidos, alguns professores trabalham com leitura de textos e comentários sobre eles. Os textos, em sua maioria, já estão defasados quanto às informações neles contidas ou o assunto abordado já foi demasiadamente discutido em outras disciplinas, sendo que raramente há espaço para novas opiniões ou opiniões divergentes da do professor. Com a constância deste tipo de leitura e prática, a aula torna-se monótona e desinteressante, havendo conseqüentemente a não leitura do texto. Sem reconhecer que o que está errado é o tipo de texto, o assunto selecionado, ou o tipo de abordagem, o professor busca soluções através de uma forma viciada de se viver uma leitura. Os comentários serão apresentados buscando-se convencer o professor de que o texto foi lido, mas serão comentários que sempre se desviarão do tema principal proposto, e muitas vezes terá vez o questionamento, por parte dos discentes, do porque do texto ou da metodologia empregada. As aulas se tornarão sempre um protesto e, com o tempo, até o protesto ficará cansativo, pois a ausência de novas atitudes e a falta de criatividade contribuirão para com que os alunos caiam na acomodação de simplesmente escutarem e, naturalmente, bloquearem a revolução e busca de conhecimentos que se passam sem que alguns professores, muitas vezes, percebam (estes dados foram adquiridos através do resultado do questionário respondido pelo primeiro e oitavo períodos do Curso de Pedagogia da Uni-Rio).

O questionário aplicado foi previsto com o objetivo de coletar dados mais concretos e atuais, que concorram para melhor embasar o questionamento da motivação (e desmotivação) presente no Curso de Pedagogia da Uni-Rio.

Foram elaborados dois tipos de instrumento: um para o corpo discente e outro para o docente.

O questionário para o corpo discente compõe-se de dez perguntas relacionadas abaixo:

1. Pergunta:

Quais foram os motivos que o levaram a procurar o Curso de Pedagogia na Uni-Rio?

2. Pergunta:

Você, hoje, acha que o Curso está correspondendo as suas expectativas?

Sim

Não

Por Que?

3. Pergunta:

Por que você escolheu a carreira docente?

4. Pergunta:

Para você quais são as características de um bom professor?

5. Pergunta:

É de uma boa aula?

6. Pergunta:

Você acha que seus professores estimulam o aluno no processo ensino - aprendizagem?

Sim

Não

Por Que?

7. Pergunta:

Você acha que seus professores estão receptivos a novas opiniões?

Sim

Não

O que leva você a pensar assim?

8. Pergunta:

Se pudesse, que tipos de mudanças você faria para que o Curso de Pedagogia ficasse mais interessante?

9. Pergunta:

Qual o seu papel como aluna do Curso de Pedagogia da Uni-Rio?

10. Pergunta:
O que você pretende fazer ao sair da Universidade?

Para o Corpo Docente programamos sete perguntas:

1. Pergunta:
Você, hoje, acha que o Curso de Pedagogia da Uni-Rio está correspondendo as suas expectativas como educador? Por Que?

2. Pergunta:
Para você quais são as características de um bom professor?

3. Pergunta:
E de uma boa aluna?

4. Pergunta:
Você acha que os professores de Pedagogia da Uni-Rio estimulam seus alunos no processo ensino-aprendizagem?

5. Pergunta:
Você acha que os professores de Pedagogia da Uni-Rio estão receptivos a novas opiniões? O que leva você a pensar assim?

6. Pergunta:
Se pudesse, que tipos de mudanças você faria para que o Curso de Pedagogia da Uni-Rio ficasse mais interessante?

Os questionários foram entregues a alunos do primeiro e oitavo períodos do Curso de Pedagogia, justamente a uma turma que está chegando à Universidade e a outra que está concluindo o Curso.

	RESPONDIDO	NÃO RESPONDIDO	TOTAL
ALUNOS			
1o. Período	3	8	11
8o. Período	4	2	6
PROFESSORES	4	6	10

Exposição das respostas:

A) Discentes:

Pergunta 1.) Motivos que levaram ao Curso de Pedagogia da Uni-Rio.

- . atuação no mercado de trabalho: 1
- . proximidade de casa: 1
- . horário noturno: 2
- . ter diploma de nível superior: 1
- . prestígio: 1
- . ser Federal: 2
- . sem motivo específico: 1

Pergunta 2.) Se o Curso corresponde às expectativas atuais:

Sim - nenhuma resposta

Não - 6

obs.: apareceram as seguintes reclamações:

- . repetição de matérias
- . falta de dinamismo
- . muita teoria
- . falta de motivação por parte dos professores
- . falhas estruturais

Pergunta 3.) O motivo da escolha da carreira docente:

- . para ajudar os alunos: 1
- . por ser uma carreira polêmica: 1
- . pelo respeito a carreira: 1
- . não sabe: 3

Pergunta 4.) Características do bom professor:

- | | |
|-----------------|----------------------|
| . criativos: 3 | . conscientizador: 1 |
| . flexível: 1 | . inteligente: 1 |
| . estudioso: 2 | . eclético: 1 |
| . dedicado: 1 | . compreensivo: 2 |
| . organizado: 2 | . comunicativo: 1 |
| . motivador: 1 | . amigo: 1 |
| . apaixonado: 1 | |
| . humilde: 1 | |

Pergunta 5.) Características de uma boa aula:

- . dinâmica: 4
- . diferente: 2
- . deve ter início, meio e fim: 3
- . polêmica: 1

- . que facilite a aprendizagem: 1
- . motivadora: 1
- . adequada a realidade do aluno: 1
- . prática: 1

Pergunta 6.) Se os professores estimulam os alunos no processo ensino - aprendizagem. Apontar o porque.

Sim - nenhuma resposta

Não - 6

Por Que?

- . Sistema Universitário não favorece: 1
- . aulas desestimulantes: 2
- . distância entre teoria e prática: 1
- . repetição de conteúdos: 1
- . falta de discussão de notícias atuais: 1
- . cansaço do professor e do aluno: 1
- . o professor finge que dá aula: 1

Pergunta 7.) Se os professores são receptivos a novas opiniões. Apontar o porque:

Sim - nenhuma resposta

Não - 5

Sim e Não - 1 (o discente afirmou que depende do professor)

Por que?

- . o professor ouve a sugestão mas não a acata: 2
- . o professor prefere não ouvir os alunos com medo da mudança: 2
- . o professor é conservador: 1
- . o professor está preso ao programa: 1

Pergunta 8.) Apontar mudanças que tornariam o curso mais interessante.

- . tornar as aulas mais dinâmicas: 1
- . colocar professores com idéias inovadoras: 3
- . disciplinas que envolvessem mais prática: 1
- . colocar disciplinas necessárias como:
 - primeiros socorros: 1
 - recreação: 1
 - atividades adicionais: 1
 - educação comparada: 1
- . eliminar disciplinas repetitivas: 2
- . mais disciplinas optativas: 2
- . reciclar professores: 1
- . reformulação de conteúdos de todas as disciplinas: 1

- . maior conscientização do seu papel por parte dos professores: 2
- . aprofundamento das disciplinas como:
 - psicologia: 1
 - educação especial: 1
- . colocar supervisão, orientação e administração: 1
- . editar revista ou jornal com textos dos professores e alunos: 1
- . mais atividades culturais: 3

Pergunta 9.) Papel enquanto aluno:

- . estudar: 5
- . estar presente a tudo que se passa na Uni-Rio: 1
- . limitado: 1
- . questionar: 1
- . participar: 1

Pergunta 10.) O que será feito depois da conclusão do curso:

- . trabalhar na profissão: 1
- . outra faculdade: 1
- . não sabe: 1
- . sair da educação: 1
- . aposentar: 1
- . frequentar cursos extra-curriculares: 1

B) Docentes:

Pergunta 1.) Se o curso corresponde as expectativas como educador. Apontar por que?

Sim - nenhuma resposta

Não - 2

Mais ou menos - 1

Sem resposta - 1

Por que?

- . precisa de reformulações: 3
- . não pode restringir-se a magistério de 2o. grau: 1
- . precisa quadro maior de docentes: 1
- . reformulação da prática pedagógica: 1
- . falta disciplinas como antropologia, educação comparada: 1

Pergunta 2.) Características de um bom professor.

- . consciência profissional: 1
- . responsabilidade: 2
- . conhecimento da disciplina que leciona: 2
- . capacidade de comunicação: 1

- . identificação com a profissão: 1
- . empatia: 1
- . domínio da metodologia: 1
- . assíduo: 1
- . humilde: 1
- . estudioso: 1
- . atualizado: 1
- . aberto na relação com aluno: 1
- . incentivador: 1
- . conscientizador: 1
- . que mostra o valor de sua disciplina: 1

Pergunta 3.) Características de uma boa aula.

- . sequência: 1
- . ritmo: 1
- . procedimentos de ensino adequados: 1
- . conteúdo adequado ao nível da turma: 1
- . utilização adequada de recursos didáticos: 1
- . objetivos claros: 1
- . que o aluno participe: 1
- . que o aluno reflita: 1
- . que o aluno adquira novos conhecimentos: 1
- . que o aluno adquira novas atitudes: 1
- . que a aula seja clara: 1
- . dinâmica: 1
- . que o aluno se interesse pelo assunto abordado: 1

Pergunta 4.) Se os professores do Curso de Pedagogia da Uni-Rio estimulam os alunos.

Sim - 1

Não - nenhuma resposta

Sim e Não - 1 (depende do professor)

Sem resposta: 2

Obs.: Todos os professores colocaram que o papel do professor é estimular o alunado.

Pergunta 5.) Se os professores do Curso de Pedagogia da Uni-Rio são receptivos a novas opiniões.

Sim - nenhuma resposta

Não - nenhuma resposta

Sem resposta - 1

Nem todos - 3

Pergunta 6.) Que tipo de mudança proporia para que o Curso da Uni-Rio ficasse mais interessante.

- . precisa de reformulações: 3
- . não pode restringir-se a magistério de 2o. grau: 1
- . precisa quadro maior de docentes: 1
- . reformulação da prática pedagógica: 1.
- . falta disciplinas como antropologia, educação comparada: 1

Não há uma forma única nem um único modelo de educação, mas as presentes respostas indicam os níveis de satisfação e de insatisfação relacionados ao Curso de Pedagogia da Uni-Rio.

Apesar da pequena amostragem e do pouco retorno dos questionários desenvolvidos podemos perceber que o resultado foi estarrecedor. Quer por parte do corpo docente, quanto do discente, há um elevado índice de desestímulo o qual aparecerá sob diversas facetas.

A primeira que salientamos é que dos questionários distribuídos, menos da metade foi respondida e para que houvesse o retorno tornou-se necessária cobrança insistente.

Constatamos também que o curso não atende as expectativas nem do aluno e nem do professor. Os estudantes reclamam das repetições de matérias, da falta de dinamismo das aulas, e de motivação dos docentes, do excesso de teoria e ainda de falhas estruturais do curso. Os educadores, por sua vez, apontam a necessidade de reformulação do currículo, de ampliação do quadro docente, de revisão da prática pedagógica. Os alunos culpam os professores por sua falta de motivação e os professores ainda a engrenagem administrativa. Nenhum dos lados se percebe como detonador de uma possível mudança, e com isto todos os envolvidos no curso saem perdendo.

Averiguamos que docentes e alunos possuem noções semelhantes acerca do caracteriza um bom mestre. Este deve ser, sobretudo, criativo, estudioso (o que propicia conhecimento da disciplina lecionada e também sua atualização), organizado, motivador, responsável, humilde, conscientizador.

Quanto ao que vem a ser uma boa aula notamos haver uma sutil diferença entre as duas perspectivas. A concepção do aluno apresenta-se como pouco madura porque falta-lhe a vivência real do que vem a ser uma aula. Nos

Os indicadores daquilo que torna uma aula, boa: o dinamismo está diretamente ligado a uma aula diferente, que facilite a aprendizagem, que seja polêmica, prática e que seja adequada à realidade do aluno. Os educadores, por estarem atuando, possuem visão mais abrangente, na qual procuram aliar o dinamismo (seqüência, ritmo, participação do estudante) aos procedimentos adequados ao ensino, à utilização adequada de recursos didáticos, à clareza de objetivos e à reflexão.

Apesar desta caracterização precisa, ela não se dá na prática do curso em questão. Se ela se realizasse, não estariam acontecendo fatos como a evasão, o desinteresse de ambas as partes, a imagem ruim do curso, a frustração de expectativas.

CONCLUSÃO

"Socorro, socorro!" eu gritei.
E eles me socorreram!

Através de várias leituras feitas, observamos que a motivação, o prazer e a ação se inter-relacionam. Essa ação decorre de um esforço feito em busca da satisfação de necessidades. Para que o esforço se mantenha é necessário que o desempenho seja sustentado por recompensas (consequências) intrínsecas (inerentes ao trabalho em si) e extrínsecas (referente às necessidades individuais).

É evidente que diferentes teóricos têm diferentes concepções sobre motivação. Há, entretanto, acordo geral em que o motivo é um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa.

A aprendizagem escolar deve ir além do domínio de conteúdos informacionais. Ou o estudo se integra na vida dos alunos, ou não haverá interesse pela aula.

Os círculos viciosos da educação, assim como os dilemas, precisam ser quebrados. A aceleração das mudanças e a resposta a elas ditarão a forma pela qual a educação será eficaz.

Questionamos a forma como os alunos estão sendo motivados, sobretudo na Uni-Rio, porque acreditamos que o bom ensino implica mais do que uma técnica eficiente, além da competência técnica o professor precisa de vocação, de acreditar no trabalho que deve ser feito e fazê-lo. Por princípio esperamos que o docente seja uma pessoa educada, culta, zelosa, humana e autoconfiante e que tenha consciência para se aperceber em seus deslises inerentes a qualquer ser humano. Desejamos ainda:

a) Que o educador esteja empenhado em bem desenvolver suas atividades. Para tanto ele precisa se certificar se está ou não se realizando enquanto professor, se está tendo prazer em atuar enquanto mestre, pesquisador. O prazer a

felicidade estão intimamente ligados à motivação. Se motivados, os docentes conseguirão transmitir aos seus alunos a paixão pelo processo de ensino-aprendizagem e cativá-los.

b) Que o educador não se coloque como aquele que tudo sabe e tudo pode, fechando-se na sua torre que, frequentemente, é de pó.

c) Que o educador se permita perceber os descaminhos de sua (s) disciplina (s) a fim de retomá-los de maneira mais prazerosa tanto para si quanto para seus alunos.

d) Que o educador se permita também retomar estes caminhos acompanhado por seus alunos.

Uma nova educação deve concorrer para formar estudantes que pensam de maneira singular e própria, que possam resolver problemas, segundo diretrizes criativas e inovadoras.

Através das análises realizadas percebemos que professores e alunos do Curso de Pedagogia da Uni-Rio têm noções nítidas do que venha a ser uma boa aula e um bom professor, só que elas parecem existir somente no campo teórico, ideal que está fadado a não se concretizar na prática. Essa dicotomia entre teoria e prática concorre para falta de criatividade, a não disponibilidade para mudança e falta de motivação.

Constatamos a necessidade de transformação do curso através dos discursos dos professores e dos alunos. Porém, sabemos que qualquer alteração só poderá ser efetuada após o reconhecimento do mesmo. O atual oitavo período é a quarta turma a ser diplomar e até hoje o curso funciona e forma pedagogos sem ser reconhecido pelo Ministério da Educação.

Apontamos reconhecimento como ponto de partida para discussão dos problemas existentes no Curso de Pedagogia desta Universidade. A partir dele, discentes e docentes devem sentar para analisá-lo criticamente, buscando reformulá-lo e redimensioná-lo segundo uma pedagogia mais atual, dinâmica e crítica. Para tanto precisamos de coragem para derrubar dogmas e feudos.

Bibliografia

- MORSE, W.C. e WINGO, G.M. - Psicologia e Ensino. Biblioteca Ploneira de Ciências Sociais.
- COFER, Charles N. - Motivação e Emoção. Editora Coleção Temas Psicológicos.
- NICOLAU, Marieta Lucia Machado - A Educação Pré-Escolar. São Paulo, Editora Ática, 1985.
- FALCÃO, Gérson Marinho - Psicologia da Aprendizagem. São Paulo, Editora Ática, 4a. ed., 1988.
- KNELLER, George F. - Arte e Ciência da Criatividade. São Paulo, Editora Ibrasa, 1978.
- MAGER, Robert F. - Atitudes Favoráveis ao Ensino. Porto Alegre, Editora Globo, 2a. ed., 1979.
- JEFFREYS, M.V.C. - A Educação: Sua Natureza e Seu Propósito. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo - CULTRIX, 1971.
- TIFFIN, Joseph e Mc CORMICK, Ernest - Psicologia Industrial. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, vol. II, 1969.
- MURRAY, Edward J. - Motivação e Emoção. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 5a. ed., 1986.
- TELES, Antonio Xavier - Psicologia Moderna. São Paulo, Editora Ática, 23a. ed., 1983.
- MEDNICK, Sarnoff A. - Aprendizagem. Rio de Janeiro, 2a. ed., 1969.
- DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Editora da F.G.V. / MEC, 1986.